

Verdade, política e *fake news*: reflexão à luz da obra de Hannah Arendt

Saulo Barbosa¹

Resumo: Este artigo discute, a partir da obra de Hannah Arendt, a produção contemporânea de *Fake news* nas mídias sociais. O artigo mostra como a obra de Arendt traz questões de pesquisa relevantes para compreensão das *fake news* enquanto arma política. Para isso, partiu-se dos ensaios *Verdade e Política* (1967) e *A mentira na política* (1969) para se pensar a produção sistemática de notícias falsas e seus usos políticos. Argumenta-se aqui que a disseminação de *Fake news*, na medida em que nega ou altera discursivamente a realidade dos fatos para moldá-los a crenças ideológicas, compromete o funcionamento das mídias sociais enquanto espaço público.

Palavras-chave: *Fake news*; Redes Sociais; Política; Hannah Arendt; Pós-Verdade

Truth, politics and *fake news*: considerations on Hannah Arendt's works

Abstract: This paper discusses, from the work of Hannah Arendt, the contemporary production of *Fake news* in social media. It shows how Arendt's works brings important issues to understanding the *fake news* while political weapon today. The text uses the essays *Truth and politics* (1967) and *The lie on Politics* (1969) to analyze systematic production of *fake news* and its political uses. It is argued here that the dissemination of *Fake news*, insofar as it denies or alters discursively the reality of facts to shape ideological beliefs, compromises the performance of the social media as a public space.

Keywords: *Fake news*; Social Media; Politics; Hannah Arendt; Post-Truth

Artigo recebido em 19/11/2019 e aprovado em 27/07/2020

VERDADE, POLÍTICA E FAKE NEWS: REFLEXÃO À LUZ DA OBRA DE HANNAH ARENDT

SAULO BARBOSA

1. Introdução

Desde as eleições americanas de 2016 e do plebiscito pela saída da Grã-Bretanha da União Europeia (BREXIT) no mesmo ano, a expressão *Fake news* vem, cada vez mais, tornando-se corriqueira na linguagem comum. Indício disso é a capacidade de muitas pessoas reconhecerem o significado do termo, sem muitas dificuldades, mesmo em países como o Brasil, que não são anglófonos.

Na mesma proporção, cresce a preocupação com esse fenômeno. Diversos estudiosos da política discutem como a proliferação desse tipo de conteúdo, principalmente através das mídias sociais, pode afetar o funcionamento de uma sociedade democrática, na medida em que fomentam a desinformação e, por vezes, destroem a reputação de pessoas e instituições. Nesses debates, evidencia-se, com frequência, o papel das mídias sociais e das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC's), de modo geral, na propagação de boatos e notícias falsas^{II}.

Por outro lado, não são poucas as iniciativas destinadas a combater as *Fake news* nas mídias sociais e na web de modo geral. No âmbito internacional, por exemplo, o projeto *First Draft*, desenvolvido em parceria pela Universidade de Harvard e pela escola de governo Jhon F. Kennedy, é, talvez, a iniciativa de combate a *Fake news* que mais se destaca. No Brasil, o projeto *Comprova*, que conta com a colaboração de mais de vinte veículos de mídias, foi criado com a missão de combater as *Fake news* durante as eleições presidenciais de 2018. Também o Facebook, como consequência das eleições estadunidenses de 2016, se comprometeu a enfrentar o problema e hoje já é possível perceber seus resultados aqui no Brasil: uma rede de páginas e perfis falsos ligados ao Movimento Brasil Livre (MBL) foi retirada do ar por propagar sistematicamente notícias falsas e boatos em 2018^{III}. Vale mencionar, ainda, o grupo de ciberativistas *Sleeping Giants*, que promove campanhas, nas redes sociais, para persuadir empresas a removerem suas propagandas de veículos de comunicação que publicam notícias falsas. Esse grupo foi fundado nos EUA, em 2016, após a vitórias de Trump, e hoje atua em diversos países, inclusive no Brasil.

Ainda em 2018, as *fake news* se fizeram presentes nas eleições presidenciais brasileiras. Foi notável o número de notícias falsas e boatos espalhados pelas mídias sociais, em especial através do aplicativo de smartphone *Whatsapp Messenger*. À época, diversos veículos da mídia brasileira apontaram que o candidato de extrema direita, Jair Messias Bolsonaro (PSL), beneficiou-se eleitoralmente de *fake news*, disseminadas por uma rede de robôs e perfis falsos no *Twitter*, *Facebook* e *Whatsapp*. Inclusive, o próprio *Whatsapp* reconheceu que operações de disseminação massiva de mensagens foram levadas a cabo no período eleitoral brasileiro.

Esses fatos levaram a investigações que descobriram fortes indícios de que a campanha do atual presidente do Brasil foi responsável pela disseminação massiva de *fake news* nas redes sociais. Hoje, a suprema corte brasileira conduz um inquérito sobre esse esquema de propagação de notícias falsas ou deturpadas com fins eleitorais. Os principais acusados nesse processo compõem o chamado “gabinete de ódio”, um grupo de políticos e empresários apoiadores de Jair Bolsonaro^{IV}.

Pesquisas apontam a forte relação, no contexto contemporâneo, entre a extrema direita e as *fakes news*. Para se ter uma ideia, uma pesquisa feita pelo jornal britânico *The Guardian*, em parceria com pesquisadores da UFMG, mostrou que cerca de 48% das mensagens virais de

VERDADE, POLÍTICA E FAKE NEWS: REFLEXÃO À LUZ DA OBRA DE HANNAH ARENDT

SAULO BARBOSA

direita brasileira continham informações falsas. 19% dessas mensagens promoviam desinformação a respeito do atentado com faca sofrido pelo candidato Bolsonaro durante sua campanha. 16% dessas mensagens tratavam de o sistema político democrático e a mídia – elementos chaves da retórica bolsonarista anti-establishment. Por fim, 14% delas tinham como alvo políticos de esquerda e frequentemente recorriam a ofensas homofóbicas ou antifeministas^V.

Pensando nesse contexto, este artigo discute, no plano teórico, a dinâmica contemporânea de produção de *Fake news* nas mídias sociais e suas consequências para o espaço público e para a política. A discussão aqui proposta parte das reflexões contidas na obra da filósofa Hannah Arendt (1906-1975) sobre as consequências da produção sistemática de mentiras para a vida política das sociedades contemporâneas.

Arendt, que escreveu sobre a questão da mentira na política no final dos anos 1960, não conheceu as mídias sociais e nem refletiu sobre o processo de produção de mentiras que nelas se desenvolve. Contudo, o artigo quer mostrar como a obra de Hannah Arendt, que tratava da questão no contexto do Pós II Guerra e da Guerra Fria, ainda assim, lança perguntas e hipóteses de pesquisa relevantes ao estudo do uso da mentira como arma política nas mídias sociais digitais, tão difundidas em nossa sociedade.

Para isso, o trabalho parte dos ensaios *Verdade e Política* (1967) e *A mentira na política* (1969) para pensar a produção e usos de notícias falsas, boatos e especulações por movimentos sociais e partidos no mundo atual.

2. Breve história das *Fake News*

O uso de mentiras e boatos como armas políticas não é exatamente nenhuma novidade do ponto de vista histórico. Robert Darnton, historiador norte-americano, faz um interessante relato da história das *Fake news*, mesmo quando elas ainda não eram assim chamadas: no séc. VI, o historiador bizantino Procopius escreveu um livro para atacar a reputação do imperador Justiniano; alguns séculos mais tarde, em 1522, Pietro Arentino escreveu sonetos satíricos sobre os adversários de seus patronos, os Médici, para tentar manipular a eleição papal; por fim, durante a Revolução Francesa, circularam panfletos, chamados *canárd*, que espalhavam, dentre outras coisas, boatos a respeito de Maria Antonieta. Segundo Darnton, isso contribuiu diretamente para a execução da rainha na Guilhotina. Os exemplos se multiplicam, todavia, o essencial é que o uso de histórias falsas e calúnias para detratir inimigos políticos não é uma exclusividade de nossos tempos^{VI}.

Se é assim, por que, nos últimos anos, o fenômeno das *Fake news* tem se tornado assunto de tantos artigos que alertam para os perigos de sua disseminação e de tantas iniciativas que visam combater notícias falsas e boatos na Internet e, sobretudo, nas mídias sociais? Em suma, qual a novidade das *Fake news* hoje? Para responder a essa questão, é preciso recompor, brevemente, a história da expressão *fake news*.

A despeito do que declarou o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, não foi ele o criador do termo *Fake news*^{VII}. Essa palavra remonta ao final do século XIX, conforme indica uma pesquisa realizada pelo famoso dicionário de língua inglesa *Merrian-Webster*^{VIII}. Em

VERDADE, POLÍTICA E FAKE NEWS: REFLEXÃO À LUZ DA OBRA DE HANNAH ARENDT

SAULO BARBOSA

princípio, o termo parece ter significado quase óbvio – literalmente “notícia falsa”. Conforme indica o estudo do dicionário, o termo é utilizado para indicar uma história ou reportagem de cunho político, inventada para prejudicar a imagem de uma pessoa, organização ou coletividade. Por considerá-lo autoevidente, o *Merrian-Webster* decidiu, em 2017, não incluir *fake news* na lista de seus verbetes. Outros dicionários da língua inglesa, contudo, tomaram decisão diversa. Afinal, o significado da expressão não é tão óbvio assim. Ou melhor, deixou de sê-lo desde que emergiu como uma categoria dos debates políticos contemporâneos, como tentaremos mostrar adiante.



Gráfico 01- Nível de interesse, ao longo do tempo, pelo termo 'Fake news' no Google. Fonte: Elaboração própria a partir do Google Trends

A expressão se popularizou bastante a partir do final de 2016, após diversas notícias falsas envolvendo os candidatos à presidência dos Estados Unidos terem circulado pelas redes sociais no país. No gráfico 01, gerado a partir do *Google Trends*, é possível visualizar como, em outubro daquele ano a frequência de buscas pelo termo no Google dispara, indicando claro aumento de interesse dos internautas pelo assunto. Alguns meses depois, Donald Trump, em sua primeira entrevista coletiva como presidente, acusou a rede de comunicação CNN de ser produtora de notícias falsas. “*You are Fake news*”, disse Trump a um repórter dessa rede. A frase viralizou produzindo milhares de vídeos e imagens que faziam referência ao episódio. Nos meses seguintes Trump passou a repetir o termo em suas publicações no Twitter, em uma guerra contra a grande mídia norte-americana^{IX}. Tudo isso certamente contribuiu para o assunto entrar em evidência e, é claro, para a consolidação do uso do termo no vocabulário político contemporâneo.

Se, por um lado, essa disseminação do uso do termo pôs o fenômeno no interesse de estudiosos e do público em geral, por outro, provocou um alargamento do sentido da palavra que tornou *fake news* um termo altamente polissêmico. Inicialmente o termo denotava simplesmente uma notícia falsa, todavia, hoje há um espectro de sentidos que a palavra pode

VERDADE, POLÍTICA E FAKE NEWS: REFLEXÃO À LUZ DA OBRA DE HANNAH ARENDT

SAULO BARBOSA

abarcam^X. Por isso, ainda conforme Bounegru, há pesquisadores que se opõem ao uso da palavra, pois a consideram extremamente vaga, indistinguível de outras formas de desinformação existentes no passado e, sobretudo, porque carrega em si uma ideia simplista de que a verdade corresponde diretamente à realidade. Existem, ainda, estudiosos que consideram que as *Fake news* são apenas vinho velho em uma garrafa nova. Entendem, dessa forma, que elas são similares a outras modalidades de desinformação que surgiram com a invenção da prensa de Gutemberg e outras tecnologias da comunicação. O historiador Robert Darnton^{XI} é um exemplo dos que ocupam tal posição.

Sem nenhuma intenção de pôr um ponto-final nesse debate, discordo, nesse artigo, de ambas as posições. Da última, especificamente, porque entendo que traçar uma linha de continuidade entre todas as formas históricas de mentiras políticas é cair na simplificação de um fenômeno complexo e, assim, desprezar os diferentes contextos sociais, culturais, políticos e técnicos nos quais a calúnia e a difamação foram acionadas como táticas políticas. Todos esses fatores são sim capazes de particularizar o fenômeno. Portanto, dizer que as *fake news* são vinho velho em garrafa nova é abrir mão de pensá-las e compreendê-las na contemporaneidade.

Já da primeira posição, discordo, pois a palavra não tem um significado tão abrangente assim, de modo que não queria dizer nada. *Fake news* pode até se referir a um conjunto relativamente amplo de coisas, mas está longe de ser um termo vazio. Afinal, cidadãos e pesquisadores do mundo inteiros não estariam falando nisso se assim fosse. Nesse sentido, Tandoc Jr. e seus colaboradores^{XII}, em um estudo sobre os diferentes significados do termo *Fake news* em trabalhos acadêmicos, apresentam uma classificação bastante esclarecedora sobre esse nuançado quadro de sentidos da expressão *Fake news*. Esses autores propõem uma tipologia de *fake news* construída a partir de duas variáveis: facticidade do conteúdo e intencionalidade da notícia^{XIII}. A primeira se refere ao lastro factual de uma notícia, se ela se refere ou não a fatos verdadeiros. A segunda diz respeito à intenção do autor da notícia de provocar desinformação com sua publicação. A partir dessas duas variáveis, os autores apresentam uma tipologia de *fake news* composta por seis posições: (1) sátira de notícias, (2) paródias, (3) fabricações (4), manipulação (5), publicidade e (6) propaganda.

Além disso, a própria dicionarização do termo é uma evidência contrária a essa tese, como já sugerimos. Enquanto fato linguístico e social, ela sugere que, em nossa época, a palavra *fake news* adquiriu um significado mais ou menos delimitado, do qual podemos mesmo isolar alguns traços que podem até ser operacionalizados em uma pesquisa.

Diferentemente do *Merrian-Webster*, dois outros dicionários de língua inglesa, o *Lexico*, (organizado pela Universidade de Oxford) e o *Cambridge Dictionary*, incluem essa palavra no rol de seus verbetes. O *Lexico* define *fake news* como uma “informação falsa que é transmitida ou publicada como uma notícia e que possui propósitos fraudulentos ou politicamente motivados”^{XIV}. A partir disso, podemos perceber dois elementos importantes desse fenômeno, a finalidade política e a mimetização do gênero textual notícia (*news*), que se caracterizam por veicular fatos tidos por verdadeiros. Não se trata de qualquer história falsa, portanto; mas de uma que imite uma notícia “verdadeira” e que tenha propósitos políticos em sua disseminação. O *Cambridge Dictionary*, por sua vez, traz uma definição muito próxima a essa: “história falsa que aparenta ser uma notícia, disseminada na internet ou usando outra mídia, usualmente para influenciar a visão política ou como uma piada”^{XV}. Assim, ele acrescenta outro elemento importante em sua definição: a internet como meio usual de propagação das *fake news*. É nessa

VERDADE, POLÍTICA E FAKE NEWS: REFLEXÃO À LUZ DA OBRA DE HANNAH ARENDT

SAULO BARBOSA

última acepção que a palavra é dicionarizada no português do Brasil: “notícias falsas; quaisquer notícias e informações falsas ou mentirosas que são compartilhadas como se fossem reais e verdadeiras, divulgadas em contextos virtuais, especialmente em redes sociais ou em aplicativos para compartilhamento de mensagens [*WhatsApp, Telegram*].”^{XVI}

O fato de serem as plataformas digitais o principal veículo de disseminação das *fake news* já coloca uma nova dimensão do fenômeno para se pensar. Como aponta Bounegru, um conjunto de pesquisadores, no qual ele se inclui, defende que as novas plataformas de comunicação online, sobretudo as mídias sociais digitais, aceleram o fluxo de circulação desse tipo de conteúdo de modo sem precedentes na história. Para esses, é justamente essa supercapacidade de se espalhar (*spreadability*), possibilitada pela Internet, que caracteriza as *Fake news* contemporâneas – é esse, também, seu traço mais perigoso^{XVII}. A questão das lógicas de disseminação das *fake news* é considerada fundamental por Bounegru e colaboradores. Para eles, o que define o fenômeno em tela são as redes de disseminação na qual estas notícias e boatos se inserem. Assim, para compreendê-las plenamente, é preciso abordá-las em seu sistema de circulação e não somente em seu conteúdo e forma. Conforme esse entendimento, as redes de circulação são essenciais para que uma mensagem ser considerada “*fake*”, tanto quanto o conteúdo e a forma propriamente ditos^{XVIII}

Isso tudo não esgota o debate. A controvérsia na própria definição do termo, daquilo que caracteriza as *Fake news*, é um dos maiores obstáculos para se tratar a temática. Contudo isso não deve ser visto como um impasse, mas como o primeiro desafio a ser superado em uma questão que é urgente. Nesse sentido, a obra de Hannah Arendt pode ajudar a vislumbrar um caminho possível.

3. *Fake news*, Pós-Verdade e esfera pública

Em *Verdade e Política*, Hannah Arendt reflete sobre as consequências da produção sistemática de mentiras para a esfera pública de uma sociedade. Arendt parte de uma reflexão epistemológica a respeito da natureza da verdade dos fatos para chegar a conclusões a respeito das implicações políticas de sua negação, isto é, a mentira deliberada. Ela distingue, assim, dois tipos de verdades: as que são racionais e as que são factuais. A primeiras são as verdades científicas, filosóficas e matemáticas – a teoria da relatividade ou a filosofia platônica, por exemplo. As últimas se referem a fatos e eventos, que são “resultado invariável de homens que vivem e agem conjuntamente”^{XIX}.

Por serem produtos da reflexão humana, do pensamento, as verdades racionais são mais resistentes ao assédio do poder. Isso se deve ao fato de que, enquanto fruto do trabalho da mente humana, as verdades racionais podem ser reproduzidas no tempo, caso seus autores fossem impedidos de lhes transmitir a posteridade. Imaginemos, a título de esclarecimento dessa ideia, que Isaac Newton tivesse sido impedido pela Igreja Anglicana, sob acusação de heresia, de divulgar suas descobertas científicas. Estaria a humanidade fadada a jamais conhecer a gravidade? Ou o cálculo diferencial? Ou suas descobertas no campo da ótica? Não! É perfeitamente possível que outras pessoas, em épocas e lugares diferente do de Newton, chegassem por si só a essas descobertas. Aliás, foi exatamente o que aconteceu em relação ao cálculo diferencial, desenvolvido de modo independente e paralelo por Newton e Leibniz.

VERDADE, POLÍTICA E FAKE NEWS: REFLEXÃO À LUZ DA OBRA DE HANNAH ARENDT

SAULO BARBOSA

evidente que isso não acontece a todo momento, mas a história da ciência mostra que é perfeitamente possível.

Ainda que essa possibilidade seja ínfima, Hannah Arendt alega que ela é infinitamente maior no caso das verdades racionais do que no das verdades factuais. Pensem em todos os fatos da história humana que são inacessíveis ao presente não deixaram nenhum rastro, nenhum registro histórico. Pensem, também, em todos os documentos destruídos por motivações políticas, em guerras, em disputas entre grupos étnicos ou religiosos. Com a destruição desses registros, as verdades factuais que eles continham, também são destruídas. Os fatos da história humana, como mostra Arendt, são frágeis. Além de destruídos materialmente, eles podem ser deturpados por falsificações. O que é a palavra de um cidadão, por mais verdadeira que seja, contra um conjunto de documentos falsificados por um Estado interessado em sua condenação? Qual versão ficará para posteridade? Por isso, a filósofa diz que a “probabilidade de um fato de importância, esquecido ou, mais provavelmente, dissimulado pela mentira, ser algum dia redescoberto” é nula. “Uma vez perdido”, diz Arendt, “nenhum esforço racional os trará jamais de volta”^{XX}. Nisso reside o que ela chama de fragilidade das verdades factuais.

Por isso, a autora argumenta que quando o poder político ataca a verdade dos fatos, ele o faz em seu domínio, pois são os fatos e eventos, conforme a autora, a *verdadeira textura* do âmbito político. Ao passo que quando ataca verdades racionais, ele o faz de fora de seu âmbito. São as verdades factuais, portanto, o objeto dessa reflexão arendtiana.

Negar fatos, segundo Arendt, só é possível porque, em primeiro lugar, eles são contingentes: embora tenha ocorrido da forma que ocorreram, eles poderiam ter ocorrido de qualquer outro modo. Assim, não havendo necessidade nos atos e eventos produzidos pela ação humana, torna-se possível que qualquer versão deturpada dos fatos possa soar tão verossímil quanto a verdade. Em segundo lugar, porque os seres humanos são livres em relação a realidade dos fatos, isto é, são capazes de negar um fato apesar de todas as evidências em contrário. Por exemplo, é possível afirmar que o dia está chuvoso ainda que ele esteja completamente ensolarado. A autora vê, aliás, nessa a capacidade de mentir, de negar a realidade mesma, uma confirmação da liberdade humana^{XXI}.

Disso, Arendt conclui que negar um fato é necessariamente produto da vontade e da liberdade humana, pois se constitui como uma “nítida tentativa de alterar o registro histórico”^{XXII}. É, portanto, uma ação sobre o mundo e enquanto tal, é um ato político. Nisso, segundo a autora, difere do ato de enunciar uma verdade factual, que só encarna implicações políticas se posta em um contexto interpretativo ao qual tal verdade se refere. Também se constitui ato político, para Arendt, quando o mentiroso, incapaz de convencer com sua mentira, ao invés de insistir na veracidade de sua história, alega que esta é somente sua “opinião” e, em seguida, reclama seu direito constitucional de proferi-la. A consequência desse tipo de procedimento é o apagamento da distinção entre o que é fato e o que é opinião.

Tendo consciência de que o uso da mentira como arma política não é nenhuma novidade na história da humanidade, Hannah Arendt aponta para um conjunto de características que ela considera como um diferencial da mentira política em sua época – e, por extensão, na nossa. Arendt considera, inicialmente, que diferente da mentira política tradicional, que lidava com fatos ou intenções realmente secretas, a mentira política moderna lida com fatos que são conhecidos publicamente por qualquer um ou, ao menos, que podem ser conhecidos facilmente

VERDADE, POLÍTICA E FAKE NEWS: REFLEXÃO À LUZ DA OBRA DE HANNAH ARENDT

SAULO BARBOSA

através de uma pesquisa^{XXIII}. Nisso, Arendt parece antecipar uma característica das *Fake news*: a maioria delas pode ser desmentida por uma simples busca no Google.

Talvez isso ocorra, pois a mentira política atual se constitui como uma manipulação massiva e sistemática de fatos e opiniões. Tal manipulação, conforme Arendt, visa não negar ou omitir um fato isolado, mas produzir um substituto pra realidade, uma imagem “na qual todo fato conhecido e estabelecido pode do mesmo modo ser negado ou negligenciado caso possa vir a prejudicar [esta] imagem”. Isso torna-se possível, segundo a autora, a partir das técnicas e meios de comunicação de massa que emergem em meados do século XX^{XXIV}. Nesse sentido, a Internet e as NTIC’s podem contribuir mais ainda para a produção e disseminação de uma versão “alternativa” da realidade.

Contudo, para produzir tais imagens gigantescas que almejam subsumir a realidade mesma, Arendt mostra que é preciso que o mentiroso engane a si mesmo. Na “velha arte de mentir”, segundo a autora, era possível enganar aos outros sem enganar a si mesmo: não havia a necessidade de ser “vítima” de sua própria falsidade uma vez que a mentira se referia a fatos isolados e visava iludir apenas ao inimigo político e não a todos. Não havia aqui a pretensão de se substituir a trama factual. Hoje, essas desmesuradas versões alternativas da realidade exigem “um rearranjo completo da realidade, por assim dizer, na qual elas se encaixem sem remendos, falhas ou rachaduras, exatamente como os fatos se encaixam em seu próprio contexto original” Tal operação exige um comprometimento do mentiroso com sua mentira que leva, inevitavelmente, ao que Arendt chama autoengano ou autoilusão^{XXV}.

Em suma, Arendt distingue a moderna mentira política por quatro características. Primeiro, por seu caráter sistemático e massivo, possibilitado pelos modernos meios de comunicação. E aqui eu acrescento a Internet como fator de ampliação dessa possibilidade. Segundo, porque se refere não a segredos, mas a fatos publicamente conhecidos – ou que possam ser facilmente verificados. Terceiro, porque agora o próprio emissor da mentira precisa estar convencido da veracidade de sua história. Finalmente, porque a moderna mentira política intenciona criar um substituto para a realidade, substituto esse que rejeita não um fato isolado, mas toda uma parcela da realidade que contradiga a “imagem” que se quer impor^{XXVI}.

Nesse ponto, cabe indagar: é realmente possível que uma mentira, “repetida mil vezes”, se torne verdade? São capazes essas imagens, sistematicamente produzidas, de lograr sucesso e usurparem o lugar de realidade?

Arendt considera que, por mais poderoso que seja um regime político e por mais que ele disponha de meios – violentos e propagandísticos – para difundir uma mentira de tal tipo, ele jamais conseguirá fazer com que ela substitua os fatos passados, pois qualquer fato que venha à tona, por menor que seja, poderá pôr em cheque toda a imagem por ele construída. E isso se dá mesmo em casos extremos como os de um regime totalitário ou uma ditadura de partido único, por exemplo. Arendt cita propositalmente esses casos pois considera que eles “são claramente, com grande dianteira, [em relação às democracias liberais] os [que possuem] órgãos mais eficientes quanto ao abrigo das ideologias e imagens do impacto da realidade e da verdade”^{XXVII}.

Para dar um exemplo, Arendt considera a tentativa da União Soviética de apagar o papel que tiveram alguns de seus dissidentes na revolução de 1917^{XXVIII}. Arendt cita um memorando soviético que relata as dificuldades para destruir os incontáveis discursos registrados desses

VERDADE, POLÍTICA E FAKE NEWS: REFLEXÃO À LUZ DA OBRA DE HANNAH ARENDT

SAULO BARBOSA

dissidentes, as inumeráveis atas de reunião que citam seus nomes e as coletâneas de textos existentes na qual essas pessoas aparecem como autores. Os indícios dos fatos passados, por serem extremamente numerosos nas sociedades contemporâneas, são, portanto, quase impossíveis de serem eliminados^{XXIX}.

Por ser a mentira organizada tão frágil em relação aos fatos que a contradizem, seus produtores, como mostra Arendt, precisam constantemente alterar e adaptar suas imagens falsas da realidade. A longo prazo, o que esse processo contínuo de sobreposição de mentiras produz não é uma situação na qual as mentiras tomam o lugar da verdade, mas, conduzem a uma “espécie de cinismo” generalizado, que se caracteriza por “uma absoluta recusa a acreditar em qualquer coisa, por mais bem estabelecida que ela possa ser”^{XXX}.

Desse modo, a autora conclui que, embora a mentira organizada e disseminada em massa não possa substituir a verdade, ela é capaz de destruí-la, na medida em que tal recusa em aceitar a verdade leva, então, ao aniquilamento da capacidade do público de distinguir entre o que é verdade e o que não é. Assim, se por um lado a verdade dos fatos existe e está disponível para ser conhecida, por outro, o público é incapaz de percebê-la enquanto tal, uma vez que está saturado por versões e mais versões falseadas da realidade factual. Arendt conclui então que

o resultado de uma substituição coerente e total da verdade dos fatos por mentiras não é passarem estas a serem aceitas como verdade, e a verdade ser difamada como mentira, *porém um processo de destruição do sentido mediante o qual nos orientamos no mundo real – incluindo-se entre os meios mentais para esse fim a capacidade de oposição entre verdade e falsidade*^{XXXI}

Uma tal situação é problemática, segundo Arendt, pois é apenas o futuro que está de fato aberto à ação, uma vez que existe somente como potencialidade. Somente nele o agir político pode resultar em algo concreto. Quando o presente e o passado tornam-se alvos de atos que visam modificar e falsear os eventos passados ou em curso, isto é, são levados de volta ao estado de potencialidades, “o âmbito político priva-se não só de sua principal força estabilizadora [que é a realidade dos fatos] como do ponto de partida para transformar, para iniciar algo novo”. As mentiras organizadas – e as *Fake news* como uma de suas espécies – levam à perda da capacidade do espaço da ação política (espaço público) de transformar a sociedade^{XXXII}.

Arendt entende que existe uma forte dependência do pensamento e do agir políticos da verdade factual. “A liberdade de opinião é uma farsa” quando se há uma situação na qual inexista informação factual e a garantia de que os próprios fatos não sejam negados ou questionados. Ou seja, sem o respeito a realidade factual não se é possível construir uma opinião política válida e capaz de transformação social. Sem isso, a sociedade civil perde sua capacidade de regular o Estado por meio de uma opinião pública crítica^{XXXIII}.

VERDADE, POLÍTICA E FAKE NEWS: REFLEXÃO À LUZ DA OBRA DE HANNAH ARENDT

SAULO BARBOSA

4. Conclusão

Arendt, como já foi dito, considera o fenômeno aqui em tela a partir da propaganda ideológica estatal, seja no âmbito de regimes totalitários, seja em sociedades liberais-democrática^{XXXIV}. Contudo, argumentamos aqui que suas reflexões são úteis também para se pensar a mentira na era da Internet, as tão famigeradas *fake news*. Se no passado somente Estados, totalitários ou não, detinham meios de se produzir a mentira em massa, a negação sistemática da realidade através da propaganda e a alteração deliberada do registro histórico, hoje, com a Internet, esse poder está ao alcance de diversas organizações e atores com os mais variados propósitos.

Veja-se, por exemplo, o caso das eleições norte-americanas de 2016. Um grupo de jovens programadores de um pequeno país do leste-europeu inundou a esfera pública norte-americana com notícias falsas a respeito dos dois principais candidatos (a senadora Hillary Clinton e o empresário Donald Trump). As motivações desse grupo não eram, ao que parece, primordialmente políticas. Eles visavam, simplesmente, atrair visitantes para seus sites e, com isso, lucrar com a venda de anúncios em suas páginas. Para isso, utilizaram-se de notícias falsas, mas com títulos chamativos, de modo que induzissem as pessoas a clicarem no link (clickbait).

Pode-se citar, ainda, o escândalo protagonizado pela candidatura Donald Trump no Facebook. Baseada na ideologia *anti-establishment* e claramente autoritária de Steve Bannon^{XXXV}, primeiro líder da extrema-direita a ganhar influência nacional nos EUA desde 1930, a campanha de Trump disseminou propaganda eleitoral customizada, a partir de algoritmos criados com informações sobre os usos e preferências de usuários do Facebook, de modo a alimentar cada grupo da direita americana com aquilo que ele está mais propício a acreditar. No Brasil, as eleições presidenciais de 2018, como já apontamos, foi influenciada pela atuação de redes de disseminação de Fake News vinculadas ao presidente eleito, Jair Bolsonaro – fato esse que levou a um inquérito conduzido pela suprema corte brasileira, o STF.

Finalmente, apesar de escritas nos anos 1960, as reflexões arendtianas se mostram verdadeiramente contemporâneas. Hannah Arendt inaugura, de certo modo, o debate acerca da Pós-Verdade, que na sua época ainda não recebia esse nome. Essa é, hoje, uma das preocupações que estão no horizonte do pensamento político, a ponto do termo pós-verdade ter sido eleito a palavra do ano em 2016 pelo dicionário Oxford. O termo se refere a “uma circunstância na qual fatos objetivos são menos influentes em moldar a opinião pública do que apelo as emoções e crenças pessoais”. O prefixo pós, aqui, indica não a ideia de posterioridade (pós-verdade como o que é posterior a verdade), mas indica uma época onde um certo conceito se tornou irrelevante ou menos influente^{XXXVI}. Não é para essa direção que aponta Hannah Arendt em seu *Verdade e Política*?

VERDADE, POLÍTICA E FAKE NEWS: REFLEXÃO À LUZ DA OBRA DE HANNAH ARENDT

SAULO BARBOSA

Notas

^I Doutorando em Sociologia (PPGS/UFS). Mestre em Sociologia (PPGS/UFS) e graduado em História (DHI/UFS). É pesquisador no Laboratório de Estudos do Poder e da Política (LEPP/UFS). Áreas de interesse: Sociologia da Política e das Elites; Cidadania e Democracia; Política e Internet, com foco em mídias sociais. E-mail: saulo.vinicius93@gmail.com

^{II} GOMES, Wilson. Internet e participação política em sociedades democráticas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 27, 2005a.; GOMES, Wilson. A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 7, n. 3, 2005b.

^{III} G1. Facebook exclui páginas de 'rede de desinformação'; MBL fala em 'censura'. **PORTAL G1**, 25 de julho de 2018. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/07/25/facebook-retira-do-ar-rede-de-fake-news-ligada-ao-mbl-antes-das-eleicoes-dizem-fontes.ghtml> Acesso em 29 de julho de 2020.

^{IV} O GLOBO. O que pesa contra o 'Gabinete do Ódio' no inquérito do STF? **O globo**. 28 de maio de 2020. Disponível em <https://oglobo.globo.com/podcast/o-que-pesa-contra-gabinete-do-odio-no-inquerito-do-stf-24449577> Acesso em 29 de julho de 2020.

^V THE GUARDIAN. WhatsApp fake news during Brazil election 'favoured Bolsonaro'. **The Guardian**. 30 de outubro de 2019. Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2019/oct/30/whatsapp-fake-news-brazil-election-favoured-jair-bolsonaro-analysis-suggests> Acesso em 19 de novembro de 2019.

^{VI} DARNTON, Robert. The true history of Fake News. **The New York Review of Book**, 13 de fevereiro de 2017. Disponível em <http://www.nybooks.com/daily/2017/02/13/the-true-history-of-fake-news/> Acesso em 16 de julho 2018.

^{VII} O GLOBO (2017). Trump diz que criou expressão 'fake news' e é desmentido por dicionário. **O Globo**, 09 de outubro de 2017. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/trump-diz-que-criou-expressao-fake-news-e-desmentido-por-dicionario-21926348> Acesso em 16 de julho de 2018.

^{VIII} MERRIAN-WEBSTER. The real story of 'Fake News'. **Merriam-Webster**, 2017. Disponível em <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/the-real-story-of-fake-news> Acesso em 16 de julho de 2017.

^{IX} WENDLING, Mike. Como o termo 'fake news' virou arma nos dois lados da batalha política mundial. **BBC Brasil**, 27 de janeiro de 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42779796> Acesso em 16 de julho de 2018.

^X BOUNEGRU et al. **A field guide to "fake news" and other information disorder**. Public Data Lab: Amsterdam, 2017; TANDOC et al. Defining "fake news: A typology of scholarly definitions. **Digital Journalism**, 2017.

^{XI} DARNTON. Op. Cit.

^{XII} Op. Cit.

^{XIII} É importante frisar que essa classificação não se pretende final, uma vez que considera o termo em um meio particular, no caso, o ambiente acadêmico. É preciso levar em conta, e os autores tem ciência disso, outros usos mais comuns do termo. Todavia, o estudo de Tandoc Jr. et al (2017) serve como um ponto de partida esclarecedor a respeito da questão.

^{XIV} LEXICO. Fake News. **LEXICO**. c.2020. Disponível em https://www.lexico.com/definicion/fake_news Acesso em 29 de julho de 2020.

^{XV} CAMBRIDGE DICTIONARY. Fake News. **Cambridge Dictionary**. c. 2020. Disponível em <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/fake-news> Acesso em 29 de julho de 2020.

^{XVI} DICIO. Fake news. **DICIO** – dicionário online da língua portuguesa. c. 2020. Disponível em <https://www.dicio.com.br/fake-news/> Acesso em 29 de julho de 2020.

^{XVII} BOUNEGRU et al. Op. Cit.

^{XVIII} BOUNEGRU, Op. Cit., p. 7

^{XIX} Arendt, Verdade e Política. **Entre o passado e o futuro**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1997., p. 287.

^{XX} Ibidem, p. 288)

^{XXI} Ibidem, p. 310

^{XXII} Ibidem, p. 309

^{XXIII} Ibidem, p. 311-12

^{XXIV} Idem

^{XXV} Ibidem, p. 313

^{XXVI} Idem

^{XXVII} Ibidem, p. 317

^{XXVIII} Dentre eles, Léon Trotsky é o mais famoso

VERDADE, POLÍTICA E FAKE NEWS: REFLEXÃO À LUZ DA OBRA DE HANNAH ARENDT

SAULO BARBOSA

XXIX É claro que as provas dos acontecimentos passados são tão mais numerosas quando se trata de sociedade que detém a escrita e quando se trata de eventos e personagens que impactaram profundamente essa sociedade

XXX Ibidem, p. 317.

XXXI Ibidem, p. 317-8. Grifo nosso.

XXXII Ibidem, p. 319.

XXXIII Ibidem, p. 295.

XXXIV Cf. Arendt, Hannah. A propaganda totalitária. **As Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 390-413; Arendt, Hannah. A mentira na política. **Crises da República**. São Paulo: Contexto, 1972.

XXXV ALEXANDER, Jeffrey C. “Vociferando contra o iluminismo: a ideologia de Steve Bannon”. *Sociologia & Antropologia*, v. 8 (3), 2018.

XXXVI OXFORD DICTIONARY. Word of the year 2016 is. **Oxford Dictionary**. Disponível em <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016> Acesso em 23 de julho de 2018.

Referências bibliográficas

ALEXANDER, Jeffrey C. Vociferando contra o iluminismo: a ideologia de Steve Bannon. **Sociologia & Antropologia**, v. 8 (3), 2018.

ARENDT, Hannah. A propaganda totalitária. **As Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 390-413

_____. A mentira na política. **Crises da República**. São Paulo: Contexto, 1972.

_____. Verdade e Política. **Entre o passado e o futuro**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

BOUNEGRU et al. **A field guide to “fake news” and other information disorder**. Public Data Lab: Amsterdam, 2017.

DARNTON, Robert. The true history of *Fake news*. **The New York Review of Book**, 13 de fevereiro de 2017. Disponível em <http://www.nybooks.com/daily/2017/02/13/the-true-history-of-fake-news/> Acesso em 16/07/2018.

G1. Facebook exclui páginas de 'rede de desinformação'; MBL fala em 'censura'. **PORTAL G1**, 25 de julho de 2018. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/07/25/facebook-retira-do-ar-rede-de-fake-news-ligada-ao-mbl-antes-das-eleicoes-dizem-fontes.ghtml> Acesso em 29 de julho de 2020.

GOMES, Wilson. Internet e participação política em sociedades democráticas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 27, 2005a.

_____. A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 7, n. 3, 2005b.

MERRIAN-WEBSTER. The real story of ‘*Fake news*’. **Merriam-Webster**, 2017. Disponível em <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/the-real-story-of-fake-news> Acesso em 16/07/2017.

O GLOBO. Trump diz que criou expressão '*fake news*' e é desmentido por dicionário. **O Globo**, 09 de outubro de 2017. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/trump-diz->

VERDADE, POLÍTICA E FAKE NEWS: REFLEXÃO À LUZ DA OBRA DE HANNAH ARENDT

SAULO BARBOSA

que-criou-expressao-fake-news-e-desmentido-por-dicionario-21926348 Acesso em 16/07/2018.

_____. O que pesa contra o 'Gabinete do Ódio' no inquérito do STF? **O globo**. 28 de maio de 2020. Disponível em <https://oglobo.globo.com/podcast/o-que-pesa-contr-gabinete-do-odio-no-inquerito-do-stf-24449577> Acesso em 29 de julho de 2020.

OXFORD DICTIONARY. Word of the year 2016 is. **Oxford Dictionary**. Disponível em <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016> Acesso em 23/07/18.

TANDOC et al (2017). Defining “*fake news*: A typology of scholarly definitions. **Digital Journalism**.

WENDLING, Mike. Como o termo '*fake news*' virou arma nos dois lados da batalha política mundial. **BBC**, 27 de Janeiro de 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42779796> Acesso em 16/07/2018.